



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A CONSTRUÇÃO DA “SININHO”

Diego Ricardo de Assunção Velho

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, diego.velho@outlook.com

Resumo: Durante as manifestações de 2013, grupos de Black Blocs participaram de diversos atos, o que em certo grau teria contribuído para uma apreciação maior por parte da mídia tradicional em suas táticas. Segundo notícia dada pelo portal Uol em 04 de setembro de 2013 o líder do grupo teria sido preso, o mesmo não teve sua identidade revelada na época da notícia. O que nos questionamos a partir da prisão de 23 ativistas, entre eles, apenas uma mulher foi colocada como a “chefe dos Black Blocs”. Elisa Quadros, a “Sininho”, ganhou capas de revistas se tornando umas das principais figuras no cenário midiático. O objetivo deste trabalho, desta maneira, é analisar aspectos presentes nas manifestações de Junho de 2013, a partir de uma análise bibliográfica e análise de reportagens veiculadas através da mídia tradicional, como se deu a construção da imagem da personagem “Sininho” analisando quais fatores contribuíram para uma profunda estigmatização, inclusive na atualidade em torna dessa figura, tanto por parte da mídia tradicional como nas redes sociais.

INTRODUÇÃO

As manifestações de junho de 2013 não se construíram de forma homogênea. Um primeiro momento, os protestos se concentraram na liderança do Movimento Passe Livre- MPL, que já possuía uma articulação nacional desde meados dos anos 2000, em várias cidades, com ideários políticos coletivamente definidos por seus participantes, lutando em prol de uma pauta principal voltada para a desmercantilização do transporte público. As manifestações foram articuladas por seus integrantes paulistas que foram às ruas contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo. As manifestações de 2013, pode não ter seu marco inicial durante o mês de junho de 2013, Warren (2014, p 418) chama atenção para o que ela indica como início dessas manifestações: as reivindicações do MPL, em Porto Alegre, onde ocorreram alguns protestos contra o aumento da tarifa. Autores como Cardoso e Di Fátima (2013) consideram abril como o marco inicial das manifestações no Brasil, não apenas pelos fatos ocorridos naquela cidade, mas afirmam

que foram relatados diversos protestos similares em diversos estados do país.

Porém é inegável que as manifestações ocorridas durante o mês do junho tenham ganhado muito mais visibilidade que as anteriores e que a própria mídia não conseguiu abafar os protestos. Um dos fatores apontado para essa expansão dos protestos, iniciados em São Paulo, foi à solidariedade aos manifestantes diante da repressão que era legitimada não apenas pelo Estado, mas também pela mídia tradicional que buscava criminalizar e desvalorizar as manifestações, como é possível observar em manchetes da Folha de São Paulo 07 de junho de 2013: “Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP”, 08 de junho de 2013: “Manifestantes causam medo, param marginal e picham ônibus”, 12 de junho de 2013: “Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e paulista”, é possível observar que até esse momento os manifestantes são colocados em posição de “vândalos” e “baderneiros” que estavam ali para colocarem fim à ordem pública e causar medo na população.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

As manifestações de 2013 podem ser divididas em três momentos: o primeiro organizado pelo MPL que possuía como pauta principal a redução no valor da tarifa de transporte e a melhoria na qualidade do transporte público na cidade de São Paulo, iniciando no dia 06 de junho de 2013 se estendendo até o dia 13 de junho de 2013 que, segundo Ribeiro (2014, p.95) pode ser entendido como um marco na virada da opinião pública com relação aos protestos, devido a forma violenta que a polícia reprimiu os manifestantes, após esse episódio os protestos se intensificam pelo país, levando mais pessoas às ruas. O autor defende ainda que após a repressão, a violência policial, os protestos ganharam ímpeto e a opinião pública mudou de lado para condenar a violência policial (2016, p.4). É verdade que o cenário brasileiro não podia prever os acontecimentos de junho de 2013, Ribeiro (2014, p. 94) afirma que no início de 2013 nada levaria a crer que acontecimento que pudessem abalar a estabilidade que o Brasil estava vivendo pudesse acontecer, a inflação estava sobre controle, a economia com desempenho regular, os programas sociais bem sucedidos. Ribeiro (2014, p. 99) afirma ainda que movimentos como o de junho de 2013 são iniciados sem uma forte base social, sem vínculos com partidos tradicionais, algumas conexões com partidos de extrema esquerda e com uma agenda que prioriza uma causa social, mobilidade urbana para os mais pobres.

Estes movimentos parecem surgir do nada. Não são movimentos sociais normais, reunidos em torno de padrões de classe ou religiosos ou políticos. Também carecem de uma liderança política. Também carecem de uma liderança formal e, geralmente, de um foco preciso. (Ribeiro, 2014, p. 105 Apud Velho, p. 70, 2018).

As manifestações de junho de 2013 em seu primeiro momento significaram uma ameaça à ordem aparentemente estabilizada, em um cenário onde o Brasil se tornava protagonista na ordem política e econômica mundial, em um cenário onde o país iria receber dois grandes eventos internacionais a Copa do Mundo FIFA de 2014 e as Olimpíadas em 2016 no Rio de Janeiro, as manifestações de 2013 acabam por gerar um discurso violento por parte da mídia tradicional que enxerga os acontecimentos como uma ameaça à ordem existente, e busca através de seu discurso contra as manifestações manter o controle da situação, o que não consegue. No primeiro momento as notícias publicadas pela mídia tradicional simplificam os acontecimentos ao impacto negativo dos protestos na rotina da cidade como mostrado nas manchetes acima citadas, buscando desqualificá-los e com discursos que era necessário o aumento da repressão.

Em um primeiro momento, a ênfase dos relatos noticiados é focada no impacto negativo dos protestos na rotina da cidade e de seus habitantes: há um constante gesto de deslegitimação discursiva das ações na medida em que o gancho principal das primeiras reportagens acaba sendo o do caos provocado no trânsito e, conseqüentemente, da “violação” do direito de ir e vir dos “cidadãos de bem”. (Mendonça e Daemon, 2014, p 43 Apud Velho, p. 70-71, 2018).

Observamos que nesse primeiro momento a Mídia Tradicional visa separar os manifestantes e os “não manifestantes”, que estariam sofrendo com as ações propostas por esses grupos de “vândalos”. Nesse momento ainda não percebemos uma tentativa de separar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

os manifestantes em grupos diferentes, como foi possível observar em um segundo momento, onde as manifestações passam a obter um maior apoio popular. A partir desse momento a mídia tradicional cria um embate em torno dos participantes, caracterizando-os como vândalos de um lado e manifestantes “legítimos” de outro, se intensificando na medida em que os atos ganhavam força em outras cidades do Brasil.

Os manifestantes pacíficos seriam aqueles com cartazes enquanto que os vândalos seriam os Black Blocs. Os Black Blocs são grupos mascarados que estariam no enfrentamento direto com a polícia, fazem barricadas, etc... sua referência vem de táticas de grupos anarquistas e de “ação direta” que emergiram na Alemanha e na Itália na década de 1970 e 1980. (Solano, 2014)

Durante as manifestações de 2013, grupos de Black Blocs participaram de diversos atos, o que em certo grau teria contribuído para uma apreciação maior por parte da mídia tradicional em suas táticas. Segundo notícia dada pelo portal Uol em 04 de setembro de 2013 o líder do grupo teria sido preso, o mesmo não teve sua identidade revelada na época da notícia. O que nos questionamos a partir da prisão de 23 ativistas, entre eles, apenas uma mulher foi colocada como a “chefe dos Black Blocs”. Elisa Quadros, a “Sininho”, ganhou capas de revistas se tornando umas das principais figuras no cenário midiático.

O objetivo deste trabalho, desta maneira, é analisar aspectos presentes nas manifestações de Junho de 2013, a partir de uma análise bibliográfica e análise de reportagens veiculadas através da mídia tradicional, como se deu a construção da imagem da personagem “Sininho” analisando quais fatores contribuíram para uma profunda estigmatização, inclusive na atualidade em torna dessa figura, tanto por parte da mídia tradicional como nas redes sociais.

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para compreender a construção da imagem “Sininho” é necessário delimitar as chaves analíticas a serem utilizadas nesta leitura sobre as manifestações de junho de 2013. A primeira categoria a ser utilizada é a de geração, visto que buscamos delimitar as peculiaridades identitárias da geração envolvida neste momento histórico e social.

De acordo com Mannheim, as gerações podem ser definidas com base em três dimensões conceituais: a) recorte biológico; b) a unidade geracional; c) grupos concretos. A primeira dimensão refere-se ao momento do nascimento, enquanto a segunda “pode ser lida como processos identitários em um contexto histórico” (CASTRO, p. 162). Os grupos sociais concretos, por sua vez, remetem-se ao contexto social local e às formações comunitárias ou associativas.

Neste sentido, é possível identificar quatro diferentes gerações: a primeira geração, que participou da marcha dos Cem Mil (1968), a segunda, presente no movimento pelas Diretas Já (1983), a terceira, dos Caras Pintadas (1992) e a quarta geração, cuja primeira participação em grandes manifestações aconteceu com as Jornadas de Junho de 2013.

A principal característica desta última geração é a identificação com o contexto *online*. Este traço se mostra importante, pois as formas como esta geração se relacionam em torno das redes sociais se tornou um fator determinante nas disputas de narrativas de outros veículos de comunicação. Além disso, esta relação com a internet impulsionou a organização de grupos sociais concretos, como os próprios Black Blocs, a Mídia Ninja e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Segundo Warren (2014), o Brasil possuiu uma história onde a juventude ou os estudantes foram protagonistas relevantes ou principais nas manifestações. Este apontamento, nos leva à segunda categoria: juventude.

De acordo com Bourdieu, a juventude é uma noção relacional e em disputa em todas as sociedades (BOURDIEU, 1978). Em outras



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

palavras, para este autor, a juventude não é um recorte dado *a priori*, mas construído socialmente de acordo com o contexto social, seja de classe ou de disputa de poder.

A terceira esfera a ser trabalhada para compreender o processo de construção da ativista “Sininho” é a categoria de violência simbólica como uma ferramenta de dominação masculina (BOURDIEU). Segundo o autor, “A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (BOURDIEU, p. 50). Em outras palavras, a violência simbólica pode ser lida como um sistema de dominação que envolve emoções como a vergonha e humilhação. Vale destacar que a violência simbólica tem relação direta com a virilidade masculina como forma de dominação, visto que os processos de humilhação, especialmente se tratando de meios de comunicação, envolvem termos pejorativos relacionados à atos sexuais.

ANÁLISE DE DISCURSO DA MÍDIA

O primeiro momento em que Elisa Quadros surgiu como a ativista “Sininho” foi na capa do jornal O Globo, de 17 de outubro de 2013. Abaixo da manchete “Lei mais dura leva 70 vândalos para presídios”, Elisa aparece como a “Sininho do barulho, líder do movimento ‘Ocupa Câmara’ e apoiadora dos anarquistas”. No mesmo dia, o portal G1 publicou uma matéria sobre sua prisão, quando foi acusada por formação de quadrilha. Neste momento, a imagem de Elisa ainda era retratada como uma “jovem vândala”, figura que se altera ao longo das manifestações e dos desenlaces provocados pelo contexto da rua.

Segundo entrevista concedida pela própria Elisa Quadros para o portal Ponte, o momento de transição da imagem de “jovem baderneira” para “chefe terrorista” foi após a morte do cinegrafista da Rede Bandeirantes, Santiago Andrade, atingido por rojão de manifestantes. A partir deste ponto, as abordagens em relação à juventude de Elisa Quadros deixam de ter o sentido de “inconsequente”, ou “baderneira”, e passam a

significar sinônimos de “desocupada”, “é aquela jovem sem ocupação conhecida”.

Sua aparição na capa da revista Veja a tornou conhecida nacionalmente. Após sua exposição na edição da semana, que também publicou uma matéria intitulada “A fada da baderna”, a imagem de “Sininho” passou a ser envolvida em diversos casos midiáticos.

Em maio de 2016, o jornal Extra publica uma matéria que sugere a “Sininho” como uma influenciadora no caso de uma jovem que denunciou um estupro coletivo envolvendo 33 homens, entre eles policiais. O texto mostra a fala de um delegado excluindo a hipótese de estupro no caso, alegando que a “Sininho” teria convencido a vítima a fazer uma falsa denúncia.

A construção da imagem “Sininho” ao longo dos anos, frequentemente provoca repercussões. Iremos observar aqui, especialmente a repercussão no ambiente online.

Para compreender repercussão na internet, analisamos uma amostra de 2.500 comentários extraídos de dois vídeos do YouTube que contam com mais visualizações cem mil visualizações. A partir disso, organizamos as palavras presentes nos comentários em uma nuvem de palavras, onde o tamanho representa o número de vezes que a palavra foi citada.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Políticas da Ciência

de 2014. Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR, v.1, n.2, 2013, p. 152-167.

Fontes :

<https://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/>
<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-fadinha-dos-black-blocs-8211-sininho-28-nao-trabalha-tem-dois-enderecos-no-rio-um-em-copacabana-dois-rgs-ja-chamou-policial-de-macaco-e-foi-presa-duas-vezes-acusada-de-formacao-de-quadrilha/>
<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/defesa-de-sininho-detida-apos-atos-no-rio-considera-prisao-arbitraria.html>
<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/nilo-batista-vai-ao-stj-pedir-liberdade-de-sininho-e-mais-2-ativistas.html>
http://desciclopedia.org/wiki/Elisa_Quadros
<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/justica-do-rio-decreta-prisao-preventiva-de-sininho-e-outros-2-ativistas-03122014>
<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2014-07-31/elisa-quadros-a-sininho-tive-de-sair-do-rio-para-nao-me-matarem.html>
<https://ponte.org/elisa-quadros-sininho/>
<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2013/09/04/lideres-do-grupo-black-bloc-sao-presos-no-rio-por-suspeita-de-vandalismo.htm>
<http://www.boatos.org/politica/mentira-ativista-sininho-e-neta-de-janio-quadros.html>
<http://adnews.com.br/midia/veja-e-criticada-por-usar-photoshop-em-foto-de-sininho.html>

Fontes dos comentários:

<https://www.youtube.com/watch?v=4QUhaf0X4UY>
<https://www.youtube.com/watch?v=VO5-s7Fzmlo>